



Explorando os arquivos da FAUUSP: novas e velhas fontes de pesquisa do arquivo de documentos pessoais da Seção de alunos e no Acervo de Projetos da Biblioteca

Exploring the FAUUSP archives: new and old sources of research in the personal documents archive of the Students' Section, and in the Library's Project Collection

Explorando los archivos de la FAUUSP: nuevas y antiguas fuentes de investigación en el archivo de documentos personales de la Sección de Estudiantes y en la Colección de Proyectos de la Biblioteca

TAMARI, Gabriela Tie Nagoya

Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, Brasil.
gabriela.tamari@usp.br
ORCID ID: 0000-0003-1864-2979

Recebido em 31/10/2021. Aceito em 26/08/2022



Resumo

Este artigo apresenta as experiências de pesquisa estimuladas a partir do mergulho em dois repositórios: o arquivo de documentos pessoais dos estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, que se encontra na Seção de Alunos, e o Acervo de Projetos da Biblioteca da mesma faculdade. A partir do recorte de gênero, das trajetórias das mulheres formadas na FAUUSP entre 1947 e 1971, e adotando aportes metodológicos da epistemologia feminista, objetiva-se evidenciar discussões sobre o lugar das mulheres na prática profissional e sobre como os acervos contribuem ou não para a conservação das narrativas estabelecidas na história da arquitetura. Operamos com novas fontes de pesquisa – os documentos pessoais dos discentes da FAUUSP – e fontes já consagradas pela pesquisa arquitetônica – como os projetos de arquitetura da paisagem da Coleção Rosa Kliass – a fim de discutir como o cotejamento dessas tipologias documentais contribui para trazer à tona essas personagens desconhecidas e para rever temáticas consagradas do campo da arquitetura.

Palavras-Chave: arquivo; historiografia; arquitetura paisagística; gênero.

Abstract

This article presents the research experiences stimulated by diving into two repositories: the archive of student's personal documents from the School of Architecture of the University of São Paulo, and the Library Project Collection of the same school. Pating from a gender perspective - observing the trajectories of women trained at FAUUSP between 1947 and 1971 -, and adopting methodological contributions from feminist epistemology, our objective is to highlight discussions about the place of women in professional practice and about how the collections contribute or not to the conservation of established narratives in the history of architecture. We operate with new research sources - the personal documents of FAUUSP students - and sources already established by architectural research - such as the landscape architecture projects of the Rosa Kliass Collection - in order to discuss how the comparison of these documentary typologies contributes to bring to light these unknown characters and to review established themes in the field of the built environment.

Key-Words: archive; historiography; landscape architecture; gender.

Resumen

Este artículo presenta las experiencias de investigación estimuladas por la inmersión en dos repositorios: el archivo de documentos personales de estudiantes de la Facultad de Arquitectura de la Universidad de São Paulo, que se puede encontrar en la Sección de Estudiantes, y la Colección de Proyectos de la Biblioteca. Desde una perspectiva de género, a partir de las trayectorias de mujeres formadas en la FAUUSP entre 1947 y 1971, y adoptando aportes metodológicos de la epistemología feminista, el objetivo es resaltar discusiones sobre el lugar de la mujer en el ejercicio profesional y sobre cómo las colecciones contribuyen o no a la conservación de narrativas establecidas en la historia de la arquitectura. Operamos con nuevas fuentes de investigación -los documentos personales de los estudiantes de la FAUUSP- y fuentes ya establecidas por la investigación arquitectónica -como los proyectos de arquitectura del paisaje de la Colección Rosa Kliass- para discutir cómo la comparación de estas tipologías documentales contribuye a sacar a la luz estos personajes desconocidos y repasar temas establecidos en el campo de la arquitectura.

Palabras clave: archivo; historiografía; arquitectura del paisaje; género.



1. Introdução

Este artigo pretende apresentar e refletir sobre as experiências de pesquisa estimuladas a partir de incursões por entre as fontes documentais de dois arquivos: o arquivo de documentos pessoais dos estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo que se encontra na Seção de Alunos e o Acervo de Projetos da Biblioteca da mesma faculdade. Esses dois arquivos foram mobilizados para embasar a pesquisa de doutorado em andamento, tendo como intenção estudar a trajetória da primeira geração de arquitetas paisagistas formadas nas faculdades de arquitetura e urbanismo em São Paulo¹, entre 1947 e 1971², levando-se em conta a perspectiva de gênero.

A pesquisa de doutorado tem se debruçado principalmente em um duplo problema, ou talvez um problema de mão dupla, que se dá a partir da divisão hierárquica do campo da arquitetura³: a tendência à marginalidade da arquitetura paisagística, tanto em termos historiográficos como projetuais, e a divisão sexual do trabalho na prática arquitetônica do século XX que, como discorre Silvana Rubino (2017, p. 14), “conferiu às mulheres um lugar no menos valorizado espaço doméstico e no âmbito das chamadas artes menores”. Considerando que a arquitetura, como outros campos de saber, tem seus mecanismos internos de julgamento e poder (WRIGHT, 2007), essa dupla desvalorização das reflexões de gênero e do posicionamento da arquitetura paisagística no campo retrata muito das disputas para se definir o que é significativo ou não nos cânones de sua história.

De um lado vemos como a história da arquitetura ainda releva as reflexões de gênero e, principalmente, as fronteiras de gênero nas trajetórias das mulheres arquitetas e como isso afetou suas práticas profissionais e inserção no campo (RUBINO, 2017). Do outro, a tendência à marginalidade da arquitetura paisagística se apresenta na prática projetual e que se confirma a partir da pesquisa histórica em paisagismo. Atualmente, dentre os pares profissionais – e também no imaginário comum – a arquitetura paisagística se configura como “vegetar as áreas excedentes do projeto” e comumente se comete o equívoco de confundi-la com jardinagem. Miranda Magnoli e Paulo Chiesa (2008) descrevem bem a situação:

Isso reflete um certo elitismo, e também um reducionismo do termo, provocado pela pobreza do ensino e das limitações atuais no campo profissional do paisagismo no Brasil (...). Eu diria também que o ensino de paisagismo ainda é subalterno em relação ao ensino de projeto de edificação e urbano no âmbito das escolas de arquitetura e urbanismo nacionais. Somos, para nossos próprios colegas, os profissionais do jardim, da vegetação e não dos espaços livres.

Esse duplo problema também aparece na conformação dos arquivos de arquitetura que, seguindo os sistemas de poder do campo, mostram-se como espaços de disputas e de ocultamentos, onde as narrativas históricas já instituídas são priorizadas, sobressaindo-se dentre os muitos fragmentos e lapsos de histórias e trajetórias ali depositadas.

O método adotado desde o início da pesquisa se embasa na perspectiva feminista, onde partimos

¹ Consideramos as duas primeiras escolas de arquitetura autônomas da cidade, sendo a Faculdade de Arquitetura da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-MACK), inaugurada em 1947, e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), em 1948. Especialmente neste texto, focaremos no material que se encontra nos arquivos da FAUUSP, cujo acesso foi possível durante a pandemia de Covid-19 em novembro de 2020.

² Esse recorte foi estabelecido a partir da inauguração das duas escolas de arquitetura, como citado na nota acima. A data de 1971 corresponde ao ano em que as duas faculdades implementaram as reformas curriculares e que possibilitaram um ingresso muito maior de discentes em seus cursos.

³ Empregamos aqui a referência teórica de campo a partir da definição feita por Pierre Bourdieu nos livros *A economia das trocas simbólicas* (2009) e *O poder simbólico* (2000). Essa noção de campo também é revista à luz dos debates latino-americanos por Néstor Canclini em *Desigualdad cultural y poder simbólico: la sociología de Pierre Bourdieu* (1986).



das teorias de gênero e da epistemologia feminista, já que buscamos não criar novas narrativas, desligadas da história já existente, mas criticar totalidades e estereótipos universais para transformar e criar uma nova história, onde cabe uma redefinição dos processos de subjetividade, de atuações e posições dessas personagens (DIAS, 2019, p. 363). Segundo Margareth Rago (2012, p. 37), o modo feminista de pensar descortina os modelos hierárquicos de funcionamento do pensamento teórico-científico e o processo de conhecimento se dá a partir do diálogo crítico entre vários indivíduos, ou seja, “o caminho se constrói caminhando e interagindo”.

O objetivo do mergulho nestes dois arquivos de caráter tão distintos é adentrar algumas questões que tangem nossa pesquisa e que são atravessadas pelas discussões mais recentes sobre o lugar dos acervos nas pesquisas históricas em arquitetura. Revisitar esses arquivos e acervos com outro olhar mostra-se como uma das vias mais frutíferas para incorporar perspectivas alternativas à história da arquitetura.

Sendo assim, para transversalizar essas discussões entre arquivos, hierarquias de campo e hierarquias de gênero, dividimos o artigo em três seções.

Na primeira seção, apresentamos o arquivo da Seção de alunos da FAUUSP, onde mobilizamos fontes documentais não usuais, documentos pessoais que nos levaram a formulação de novos problemas e novas linhas de investigação, principalmente no que tange à metodologia para depuração desses dados e registros. O movimento dialético feito entre a imersão nas fontes primárias e na sua análise nos fez precisar melhor algumas questões da pesquisa: a hierarquia de gênero na prática profissional anda lado-a-lado à hierarquia do campo, que exclui não só as mulheres da história da arquitetura como também outras personagens que receberam o título, conforme Santos (2020) de “perpétuos colaboradores de celebrados protagonistas”. Também discutiremos como a entrada em arquivos não convencionais, neste caso um arquivo administrativo, pode proporcionar uma riqueza muito grande de informações que não seriam encontradas em outros espaços de pesquisa.

A segunda seção descreve o momento de constituição do Acervo de Projetos da Biblioteca da FAUUSP e como esse acervo se estrutura. Esse acervo, de formato mais tradicional e que foi instituído em determinado período, escancara o problema da homogeneidade dos arquivos de arquitetura: dentre as 44 coleções individuais do acervo⁴, consta apenas uma coleção de uma arquiteta, a paisagista Rosa Grena Alembick Kliass. Para além das questões de gênero, também vemos a hegemonia da documentação de projetos de edificação, salvo algumas poucas exceções como a obra do paisagista Roberto Coelho Cardozo, do artista plástico e também paisagista Waldemar Cordeiro, do escritório Cauduro Martino Arquitetos Associados e de Ruben Martins, que trabalhavam com comunicação visual, e do urbanista Jorge Wilhelm.

Por fim, a última seção explora alguns projetos da Coleção Rosa Kliass. A intenção dessa seção foi a de explorar os subsídios do dispositivo do projeto de arquitetura – aqui, no caso, da arquitetura da paisagem – como fonte documental. Percebemos que revisitar essa documentação pode nos ajudar no deslocamento da análise e construção desses discursos predominantes para adentrar a multiplicidade de “escalas de observação, sem se definir hierarquias entre macro e microfenômenos” (CASTRO e SILVA, 2016). Como resultado, apresentamos uma experiência de dispor esses elementos em forma de montagem para apresentar os rendimentos do projeto de arquitetura e as possíveis relações estabelecidas entre as personagens.

⁴ As coleções estão listadas em <<http://acervos.fau.usp.br>>. No total são 46 coleções, sendo que duas - Produção Audiovisual FAU e Produção Gráfica FAU - não são coleções individuais e por isso não foram contabilizadas.

Mais informação sobre o processo de estruturação da plataforma Acervos FAUUSP e possíveis desdobramentos da política de arquivos encontram-se no artigo de Brito *et al* (2021) e também no recém-publicado artigo de Lira *et al* (2021).

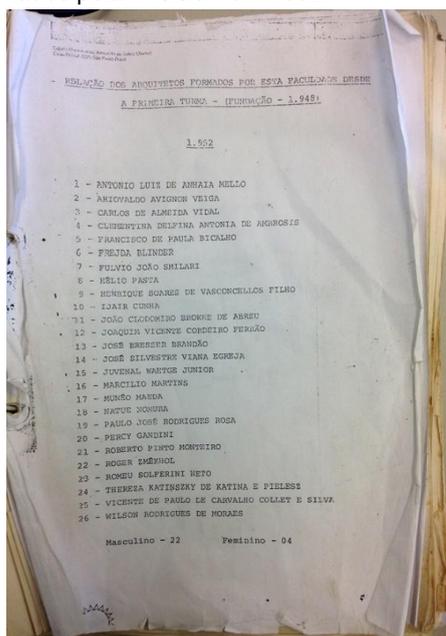
Em termos mais amplos, revisitar esses repositórios de fontes primárias e memórias nos possibilita analisar sistemas que se relacionam entre si e outras tipologias documentais não consagradas pelo campo arquitetônico, revendo temáticas e atores das narrativas canônicas e propiciando discussões acerca de problemas metodológicos pertinentes à história da arquitetura (CASTRO e SILVA, 2016; MORTIMER, 2020; SANTOS, 2020).

2. Desvelando personagens: explorando documentos pessoais

Passados 73 anos desde a fundação da FAUUSP, a listagem dos estudantes que ali se graduaram ainda é um dado de difícil acesso. Um trabalho que compila uma lista dos primeiros formandos da FAUUSP, entre 1952-1966, é a dissertação de mestrado de João Sodré, intitulada *Arquitetura e viagens de formação pelo Brasil 1938-1962* (2010). Para além do trabalho de Sodré, essas personagens são apresentadas a partir de monografias e trajetórias individuais, e ganham destaque na historiografia canônica os percursos dos arquitetos na área de projetos de edificação, com clara obliteração das atividades das arquitetas e também de profissionais de outras áreas que ali se formaram.

Para ter acesso não só à listagem completa de estudantes (Figura 1), mas também aos documentos pessoais desses discentes, foi necessário acessar o arquivo da Seção de Alunos da FAUUSP. Aqui cabe explicar um pouco melhor o que é este arquivo, qual sua classificação e como se dá sua materialidade.

Figura 1: Relação de arquitetos formados pela FAUUSP em 1952.



Fonte: Seção de alunos da FAUUSP. Foto da autora (24/11/2020).

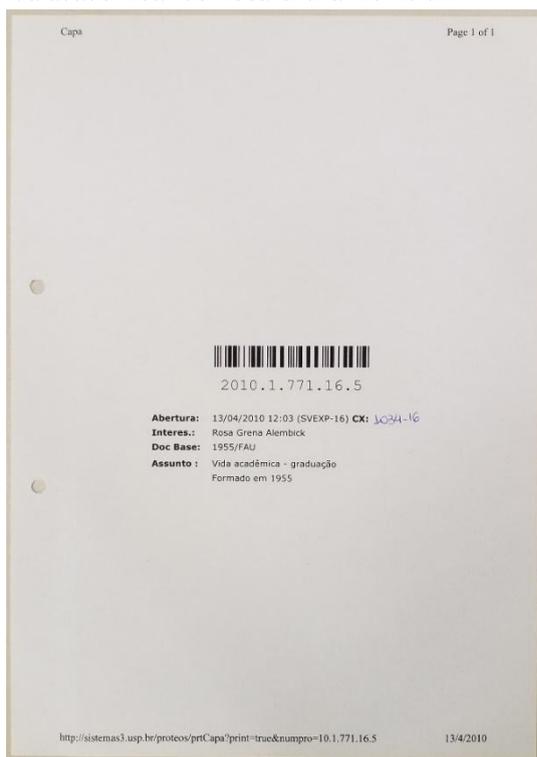
Consideramos esse repositório como um arquivo a partir da definição de Jacques André, que o define como:

(...) um conjunto de documentos, quaisquer que sejam suas formas ou seu suporte material, cujo crescimento se deu de maneira orgânica, automática, no exercício das atividades de uma pessoa física ou jurídica, privada ou pública, e cuja conservação respeita esse crescimento sem jamais desmembrá-lo (apud FARGE, 2017, p. 12).

A Seção de Alunos é um setor administrativo responsável por todos os registros acadêmicos relacionados ao corpo discente da faculdade e foi montado a partir da criação da FAUUSP em 1948. Os “arquivistas”, por assim dizer, são funcionários públicos que exercem diversas funções dentro do

setor, ou seja, esse espaço não se caracteriza exclusivamente como um arquivo. Mas é nesse lugar que se dá a salvaguarda dessa ampla documentação impressa relativa a todos os estudantes da escola - graduados ou desistentes⁵. Esses documentos são separados por indivíduo em pastas nomeadas como “vida acadêmica” (Figura 2), que contém materiais como: ficha de identificação, registro de aluno, certidão de nascimento ou registro de estrangeiras, algumas certidões de casamento, histórico escolar da graduação e ficha de notas por ano, históricos escolares de ensino ginasial e colegial, atestados de recebimento de diploma e atestado de conclusão de curso, atestados médicos, requerimentos de matrícula e de exames de 2ª época, entre muitos outros.

Figura 2: Página de rosto da “Vida acadêmica” de Rosa Grena Alembick.



Fonte: Seção de alunos da FAUUSP. Foto da autora (24/11/2020).

Pelo caráter pessoal dessa documentação, seu acesso é limitado e foi necessário pedir autorização à Assistência Técnica Acadêmica da faculdade⁶. Esse arquivo, de cunho bastante sensível e privativo, está protegido pelo que Ariella Azoulay (2017) nomeia de sentinela. Para Azoulay (2017), o sentinela é o guardião dos documentos e sua figura - ao lado do espaço físico do arquivo e da lei - formam os três pilares de sustentação de um arquivo. Por muito tempo, o sentinela era incumbido de afastar aqueles pesquisadores que pretendiam adentrar um arquivo antes de sua cristalização, antes de se tornar um depósito do tempo passado (AZOULAY, 2017). Como já citado, a virada historiográfica ocorrida no campo da história da arquitetura e do urbanismo, sobretudo a datar dos anos de 1980 e 1990, propiciou uma revisão das perspectivas históricas já consolidadas e a ampliação de novas narrativas, antes invisibilizadas, que afloram reativando o passado histórico no presente (RICOEUR, 2015).

⁵ O material da Seção de Alunos foi parcialmente digitalizado e nos chamou atenção a pasta denominada “desistentes”. Fizemos uma breve avaliação do material e foram contabilizados 134 estudantes que desistiram da graduação durante o período estudado (1948-1971), caracterizando 17,5% do total de estudantes que ingressaram neste período.

⁶ Essa pesquisa foi realizada entre novembro e dezembro de 2020 com o apoio dos funcionários da FAUUSP, que fizeram o esforço de me receber com muita gentileza mesmo em períodos de restrição por conta da pandemia da COVID-19.

Invariavelmente, esses renovados gestos de pesquisa também revolvem a prática dentro dos arquivos e a atuação desses sentinelas. As negociações entre pesquisadores e instituições têm sido constantes para que essas fontes documentais paralelas sejam acessadas com mais facilidade. Nesse sentido, apesar da figura da sentinela estar presente nos meandros burocráticos da faculdade, a pesquisa foi bem-vinda e percebeu-se um esforço coletivo para que perspectivas alternativas sejam construídas a partir dessas fontes documentais inéditas. Afinal, como desvelar essas personagens, se não a partir deste primeiro contato?

Assim, foi feito o levantamento de listas de discentes com posterior acesso a todas as pastas de vida acadêmica das alunas graduadas entre 1948-1971: dos 629 discentes, 132 são do sexo feminino, ou seja, 21% do total são mulheres. Esses registros possibilitaram não só tabulações para a pesquisa, mas também deram forma a essas personagens – rostos, ascendências, localidades e vínculos – resquícios que “tornam-se representação do real” (FARGE, 2017, p. 18). A pluralidade desse grupo se desvenda a partir das fichas de identificação que indicam filiação, nacionalidade – percebe-se um número considerável de estrangeiros –, local de nascimento, mudanças de endereços – jovens que se mudaram de suas cidades natais para estudar em São Paulo –, ano de ingresso, coloração da cútis e olhos, entre outras informações (Figura 3).

Figura 3: Ficha de identificação de Satiko Outi Nakata, formada em 1968.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO			
			INGRESSO EM 1.964
Nome		SATIKO OUTI NAKATA	
IDENTIFICAÇÃO			
FILIAÇÃO Yutaka Nakata e Toioko Nakata			
NASCIDO(A) 30/ 3 / 44 . CIDADE São José do Rio Preto			
ESTADO São Paulo		NACIONALIDADE Brasileira	ESTADO CIVIL Solteira
CARTEIRA DE IDENTIDADE RG. N.º 2.932.719		TITULO ELEITORAL N.º 22.247	
EXP. EM 1 / 9 / 61 . LOCAL São Paulo		143ª ZONA - 41ª - Seção	
CERTIFICADO DE RESERVISTA N.º ----		EXP. EM 3 / 5 / 62 . LOCAL Tupã	
-- R. M. -- C. R. -- CATEGORIA		RES. Rua Martinico Prado, nº 237 - Santa Cecília	
EXP. EM -- / -- / -- , LOCAL ----		AS. ALUNO Satiko Outi Nakata	

Fonte: Seção de alunos da FAUUSP. Foto da autora (26/11/2020).

A quantidade de documentos é grande e esparsa. Apesar de ser um arquivo relativamente organizado, com números de processos para cada registro de estudante, esses documentos variam muito de ano para ano e até mesmo de pasta para pasta. A faculdade tem feito um esforço para digitalizar essa documentação e até agora todas as pastas até o ano de 1980 encontram-se em formato digital. Porém, como é um material volumoso, escolheu-se digitalizar apenas a ficha de identificação (quando existente), o histórico escolar e as fichas de notas anuais. Além disso, também existe um movimento de arquivamento das pastas de vida acadêmica. Para a pesquisa tivemos que requerer o acesso ao material dos anos de 1952 a 1961, que já se encontravam na Seção de Expediente. Percebemos então que, para esse processo de arquivamento uma parte dos documentos tem sido descartada⁷, principalmente o material que se mostra menos relevante. Infelizmente, não tivemos tempo hábil de registrar esses itens antes do processo de apagamento. Apesar disso, entendendo que esses

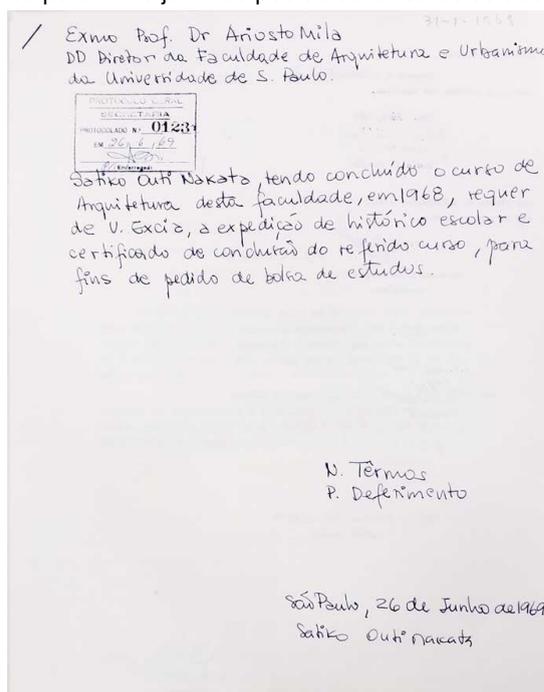
⁷ As pastas de vida acadêmica que já haviam sido depuradas, dos anos de 1952 a 1961, estavam arquivadas na Seção de Expediente e, a partir de uma análise mais minuciosa, percebemos que o volume de material se mostrou reduzido em comparação com as pastas mantidas na Seção de Alunos.

documentos não são itens de um passado completo, mas sim peças ativas na construção do presente (AZOULAY, 2017), temos feito o movimento para que todos os documentos sejam preservados de alguma maneira⁸, seja por meio de digitalização ou simples realocação para a Seção de Expediente.

Temos como exemplo a documentação de Satiko Outi Nakata, graduada na FAUUSP em 1968. Satiko Nakata Mascaro, como é conhecida após seu matrimônio com seu colega de turma e fotógrafo Cristiano Alckmin Mascaro, relata que nunca se interessou pela prática de projetos de edificações⁹. Quando estudante, trabalhou com design gráfico no escritório Cauduro e Martino Arquitetos Associados e posteriormente colaborou no escritório de seu também colega de turma e arquiteto paisagista Luciano Fiaschi. Mudou radicalmente o rumo de sua carreira ao tornar-se estilista pioneira na cidade de São Paulo, criando a renomada marca *Satiko*, hoje *Satiko+Isabel* em decorrência da sociedade com sua filha Isabel Mascaro.

Em sua pasta de vida acadêmica encontramos dois pedidos de documentação para serem enviados junto a um pedido de bolsas de estudo (Figuras 4 e 5). Em entrevista, Satiko conta que em 1969 conseguiu uma bolsa de estudos onde cursou o mestrado na *École des hautes études urbaines*¹⁰, em Paris, onde morou por um ano junto ao seu marido. Aqui foi possível confrontar esse material arquivístico e a conversa com a estilista. São esses pequenos resquícios de histórias extraídos dessa documentação que possibilitam embasar alguns rascunhos para a montagem dessas trajetórias até então desconhecidas e inéditas. E esses são documentos que, caso tivessem sido depurados para digitalização, seguindo a mesma política de descarte adotada até agora, seriam eliminados.

Figura 4: Requerimento de Satiko Outi Nakata, com data de 26 de junho de 1969, de histórico escolar e certificado de conclusão de curso para envio junto ao pedido de bolsa de estudos.



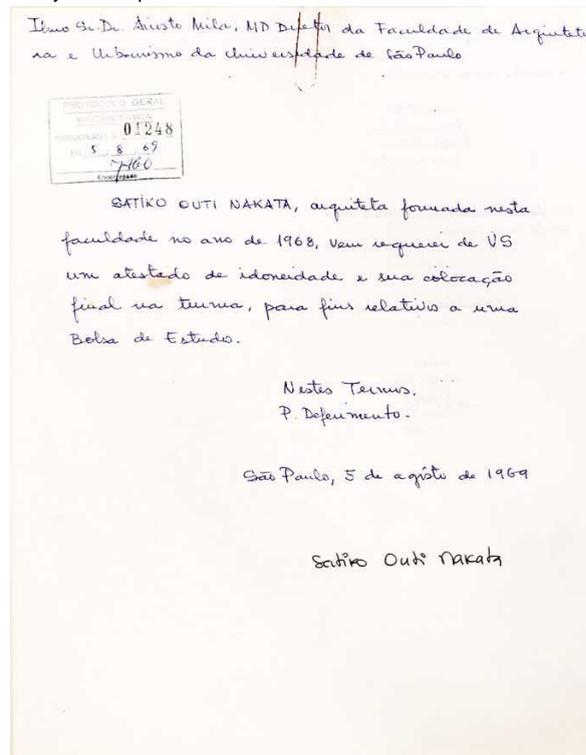
Fonte: Seção de alunos da FAUUSP. Foto da autora (26/11/2020).

⁸ Estamos encaminhando um pedido para a diretoria da FAUUSP para que se repense em como manter essa documentação sem o descarte.

⁹ A autora realizou entrevista com Satiko Nakata Mascaro em 13 de julho de 2021.

¹⁰ A *École des hautes études urbaines* funcionou no *Institut d'urbanisme de l'Université de Paris* (IUUP) entre 1924 e 1975. Foi incorporada ao *l'Institut d'urbanisme de Paris* (IUP) e posteriormente extinta em 2015, com a criação da *École d'urbanisme de Paris* (CHEVALIER, 2000).

Figura 5: Requerimento de Satiko Outi Nakata, com data de 05 de agosto de 1969, de atestado de idoneidade e colocação final na turma da FAUUSP para envio junto ao pedido de bolsa de estudos.



Fonte: Relação de formados pela FAUUSP, Seção de alunos. Foto da autora (26/11/2020).

O processo de decantação desse arquivo nos trouxe diversas questões: como enfrentar esse tipo de arquivo administrativo? Considerando que esse é um arquivo de documentos pessoais e que não há um trabalho de curadoria, como decifrar esses documentos? E quais perguntas fazer para apreender esses fragmentos de memória? Nos pareceu que simplesmente se debruçar apenas nas trajetórias individuais, nos detalhes de cada uma dessas arquitetas, seria insuficiente para entender as complexidades desses percursos e também do próprio campo arquitetônico.

Por isso, a primeira abordagem metodológica se deu nos estudos de gênero e na epistemologia feminista, que nos sugeriu uma guinada na pesquisa histórica a partir de redefinições dos processos de subjetividade pensando as diferenças e multiplicidades dessas personagens. Quando mobilizamos a categoria de gênero, invariavelmente evitamos remeter aos discursos normativos e de valores supostamente universais, e conseqüentemente abarcamos outras categorias de análise, uma vez que vamos revolver as experiências vividas e as múltiplas relações estabelecidas – sejam com outras arquitetas, clientes, contratantes, parceiros(as) e familiares.

Dessa maneira também aportamos os estudos de biografias, na busca de explorar as várias temporalidades¹¹ em uma trajetória – o tempo curto do evento e dos indivíduos; o tempo cíclico da conjuntura, das mentalidades e das representações; e o tempo dilatado das estruturas sociais e econômicas, dos invariantes culturais e das mudanças geográficas – e como esse jogo de escalas possibilita vislumbrar certos movimentos coletivos, que vão além das ações individuais (PEIXOTO, 2018).

Ao mesmo tempo, a complexidade em trabalhar com esse aglomerado de material desorganizado

¹¹ A noção de temporalidade aqui baseia-se nas elaborações sobre história social de Fernand Braudel (2007). Também trabalhamos com as mudanças nas “escalas de análise” a partir de Bernard Lepetit (1998).



trouxe-nos certa insegurança, já que parecia não haver uma robustez para desenvolver essas biografias ou até mesmo uma biografia coletiva. Ainda com esse pensamento errante por entre essas fontes, nos deparamos com a prática de montagens, que se utiliza das reminiscências e dos resíduos para recompor passagens e criar novas narrativas, que nos pareceu uma metodologia possível para interpretar esses registros. Segundo Paola Berenstein Jacques (2018), utilizar-se da técnica de montagens é uma forma de conhecimento histórico onde “o historiador cata, monta com os fragmentos que sobram porque estes têm a capacidade tanto de desmontar a história “oficial” ou “hegemônica” do presente, quanto do remontar outros tempos heterogêneos”. Ainda segundo a autora:

(A montagem é) um tipo de conhecimento específico que não busca qualquer unidade e pretende mostrar a própria complexidade ao acentuar diferenças e ao misturar, colocando lado a lado, numa mesma superfície (...) diferentes tipos de fragmentos, documentos, textos ou imagens, ou detalhes de diferentes tempos e campos do conhecimento e, a partir do choque entre suas diferenças, nos fazem compreender outros nexos possíveis, não mais baseados em semelhanças, mas sim na própria diversidade e heterogeneidade (JACQUES, 2018, p. 217).

Ter a possibilidade de não vislumbrar um produto fechado, mas sim uma montagem aberta, possibilitou expandir as frações dessas trajetórias. Pretendemos montar imagens que interliguem as trajetórias dessas arquitetas às suas relações sociais e profissionais. Essa montagem, com aspecto mais caótico, vai abrindo possibilidades para a inserção dos “tempos heterogêneos” citada por Paola B. Jaques. Nesse caso, vislumbramos a grande contribuição das entrevistas com as arquitetas por serem um misto de fragmentos de memória e de criatividade, onde a narrativa também vai se construindo com colagens e sobreposições. Intercalando com essa construção oral, trabalharemos paralelamente com a revisão bibliográfica e a pesquisa de outras fontes primárias, como acervo de projetos e acervo de instituições para dar corpo e contribuir na construção dessas ilustrações.

3. O Acervo de Projetos da FAUUSP

A Biblioteca da FAUUSP foi idealizada concomitantemente à faculdade, sendo criada em 21 de junho de 1948, no mesmo Projeto de Lei nº 140 que fundou a escola. Inicialmente locada no prédio da Vila Penteado, foi transferida, junto com o curso de graduação, para o edifício Vilanova Artigas no *campus* Butantã da Cidade Universitária em 1968. Desde sua inauguração, a biblioteca serviu como apoio pedagógico, junto ao Laboratório de Modelos e Ensaios (LAME) e ao Laboratório de Publicação e Representação Gráfica (LPG) para a faculdade, na tríade de ensino, pesquisa e extensão (SILVA, 2016).

Ainda na Vila Penteado, no início da década de 1960, foi criado o setor audiovisual da biblioteca, formando um acervo que reunia registros fotográficos, cartazes, diapositivos/*slides*, microfilmes, negativos, fitas de vídeo e fitas cassete. Até então, não se pensava a produção precedente de desenhos de arquitetura como necessária para pesquisa e ensino, que se apoiava principalmente no acervo bibliográfico já existente na biblioteca. Foi apenas em 1965 que o primeiro conjunto de projetos foi doado à biblioteca. Se tratava do acervo de projetos do escritório do arquiteto e professor da faculdade Carlos Millan (1927-1964), que fora doado por sua família após seu falecimento precoce em um acidente de trânsito.

Segundo Joana Mello de C. e Silva (2016), esse acontecimento traz significados importantes para a inauguração deste arquivo: em um primeiro momento o propósito da doação é um gesto da família para perpetuar a memória do arquiteto e, ao mesmo tempo, esse material só é bem-vindo à biblioteca porque, além de registrar sua trajetória profissional, também representava “a concepção de arquitetura que orientava o ensino de projeto na FAUUSP” (SILVA, 2016, p. 49). Com essa primeira doação inicia-se o processo de formação do acervo, em 1970, quando é criado o Setor de Projetos de Arquitetura.



Hoje a biblioteca da FAUUSP se divide em três seções: Seção Técnica de Preservação e Conservação de Materiais, Seção Técnica de Materiais Bibliográficos e Seção Técnica de Materiais Iconográficos (Maticon) – esta última abrigando o Acervo de Projetos. O material da Maticon é considerado um dos maiores conjuntos documentais na área de arquitetura no Brasil. São mais de 400 mil folhas de desenhos originais e aproximadamente 100 mil registros fotográficos, algumas centenas de objetos, além da documentação paralela que consiste em memoriais, ofícios, catálogos de materiais, agendas, cartas, entre outros (LIRA, 2019; MARQUES, 2006).

O Acervo de Projetos é formado por 44 coleções individuais de arquitetos, artistas, *designers* e paisagistas. Interessa-nos aqui entender como a constituição desse acervo também se insere nas disputas inerentes ao campo arquitetônico. Considerando o arquivo como um *constructo* sócio histórico, as condições em que foi criado, o período em que foi instituído, as condicionantes de difusão e disseminação de seu material informam sobre quais documentos foram priorizados para sua constituição e quais ideários seriam transmitidos a partir dos mesmos. Se, a princípio, a formação quase casual do acervo se deu a partir da homenagem da família ao arquiteto Carlos Millan, posteriormente tornou-se prática comum que familiares e até mesmo os próprios arquitetos e professores da escola passassem a doar seus acervos pessoais para a biblioteca, tornando-a não só um local de ensino e pesquisa, mas também um lugar de memória e difusão dos discursos daqueles que atuavam na escola (SILVA, 2016). Com esse movimento, alguns percursos são consagrados e outros são ignorados ou inexplorados, fazendo com que o arquivo de arquitetura e urbanismo, seguindo sistemas de poder do campo arquitetônico, se torne também um espaço de disputas.

Posteriormente, com a criação de programas de pós-graduação nas faculdades de arquitetura e com a consequente revisão historiográfica que acompanhou essas pesquisas, foi feito um esforço de alguns discentes para que esse acervo fosse ampliado para além do recorte específico – das obras de uma geração de profissionais de projeto de edificações da faculdade –, acolhendo outros conjuntos de desenhos, de outras gerações e tipologias, acrescentando certa diversidade a esse *corpus* documental. Aqui, destacamos os acervos de Carlos Ekman, Elisiário Bahiana, Ramos de Azevedo e Victor Dubugras.

Mesmo assim o Acervo de Projetos se caracteriza principalmente por sua homogeneidade, tendo como ênfase as coleções de projetos de edificação. Como já citado, nas 44 coleções individuais do acervo, apenas uma mulher está incluída¹², a paisagista Rosa Kliass. Outras assimetrias também são observadas, como exemplo a pequena representatividade de profissionais como paisagistas, artistas e *designers*. Para além de Rosa Kliass, o arquivo abarca outros dois paisagistas, Roberto Coelho Cardozo e Waldemar Cordeiro¹³ – que também era artista plástico –, o urbanista Jorge Wilhelm e os trabalhos de comunicação visual do escritório Cauduro Martino Arquitetos Associados e de Ruben Martins.

4. A coleção Rosa Kliass e seus vestígios

Analisar a constituição e a estrutura do Acervo de Projetos contribui para situar as divisões hierárquicas do campo da arquitetura. Para essa discussão, partimos da ideia que, por muito tempo, a

¹² Está em processo de doação e aquisição o material do escritório TEUBA Arquitetura e Urbanismo, dirigido por Christina de Castro Mello e Rita de Cassia Alves Vaz. Com essa doação, aos poucos a coleção vai ganhando mais representatividade de mulheres neste acervo.

¹³ Waldemar Cordeiro (1925-1973) é mais conhecido pela sua obra artística como líder do Grupo Ruptura, movimento concretista de São Paulo, mas também trabalhou paralelamente como paisagista. Inicialmente, Cordeiro optou pelo paisagismo como meio de subsistência, porém, após estudar dois anos de Botânica, o artista plástico começa a explorar em seus estudos artísticos as estruturas que observa na natureza. Em 1954, abre o escritório Jardins de Vanguarda Ltda., onde trabalhou em parceria com Luiz Sacilotto. Por ter projetado mais de 200 jardins de residências, edifícios, residências e obras públicas entre 1953 e 1973, estamos aqui nomeando-o como paisagista.



narrativa canônica da arquitetura, em especial da arquitetura moderna (ou modernista), perpetuou situações de dominação entre seus grupos sociais – com especial hierarquização do campo a partir de relações estabelecidas pelo gênero e das disciplinas consideradas menores e que, conseqüentemente, foram menos valorizadas. O papel do arquiteto paisagista surge em um momento em que o campo arquitetônico já se encontra consolidado, principalmente a partir da definição tradicional do arquiteto. As mulheres arquitetas também ingressam no mercado de trabalho em um ambiente altamente masculinizado, dominado pelos arquitetos e engenheiros arquitetos formados nas décadas anteriores. Porém, como em todo jogo de poderes, existem mobilizações e relações de concorrência e disputa por seu domínio.

Sendo a questão nevrálgica da pesquisa do doutorado e ainda em desenvolvimento, nos interessa entender como essas mobilizações acarretaram novas associações e alianças entre os agentes, ou seja, como as mulheres arquitetas forjaram espaços possíveis de atuação, seja nas ditas disciplinas “menores”, seja no âmbito do projeto de edificações para transformar a profissão e o campo arquitetônico. Annemarie Adams e Petra Tancred afirmam que as arquitetas canadenses reagiram com engenhosidade e conseguiram superar as dificuldades sofridas ao ingressarem na profissão. Mais do que isso, essa reação se deu a partir de inovações e contribuições em diversas especialidades da área. Adams e Tancred (2000) afirmam que:

se a profissão ‘projetou’ o lugar dessas mulheres, as mulheres ‘projetaram’ não só edifícios, mas suas próprias carreiras, transcendendo as restritas atribuições da profissão.

Nesse sentido, debruçar sobre a trajetória de Rosa Kliass nos parece crucial já que a paisagista não só atuou nas diversas atividades que compõem o campo do paisagismo, como facilitou a contribuição de um quadro de profissionais na área. Além disso, foi a partir da “militância profissional” de Rosa Kliass que foi criada, em 1974, a Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas (ABAP). E um primeiro movimento se dá ao explorar as potências de sua coleção.

A primeira aproximação à Coleção Rosa Kliass se deu a partir de um folheto confeccionado e disponibilizado para consulta na biblioteca. Esses folhetos, ou guias introdutórios, foram produzidos a partir de disciplinas do Departamento de História da Arquitetura¹⁴, formando as *Coleções de arquitetos*¹⁵ onde foram contempladas 16 das 44 coleções individuais do acervo. Esses guias oferecem uma súmula biográfica de seus titulares, um mapeamento bibliográfico e uma breve descrição dos materiais do acervo. O primeiro lote da Coleção, que inclui Rosa Kliass, teve como base de critérios de seleção – por indicação da Maticon – serem recém-doados ou serem pouco explorados na seção técnica. Ressaltamos aqui a importância desta iniciativa pedagógica¹⁶, que

¹⁴ Os folhetos foram produzidos no âmbito da disciplina optativa da graduação AUH539 – Historiografia da Arquitetura e Projeto Social, ministrada pelo Prof. Dr. José Tavares Correia de Lira e com monitoria de Felipe Gonçalves, João Fiammenghi, Victor Próspero e Bruno Schiavo. Mais informações podem ser encontradas no portal Acervos da Biblioteca da FAUUSP: <<http://acervos.fau.usp.br/s/acervos/page/colecoes-de-arquitetos>>

¹⁵ O título da coleção nos traz certa inquietação, uma vez que nem todos os acervos são de arquitetos. Como exemplo temos Waldemar Cordeiro, que era artista plástico formado na *Accademia di Belle Arti* em Roma, e Ruben Martins, que era artista plástico e *designer* na empresa Unilabor.

¹⁶ Outros projetos pedagógicos estão em curso pelo Programa Unificado de Bolsas de Estudos para Estudantes de Graduação (PUB), que integram a Política de Apoio à Permanência e Formação Estudantil da USP. Em 2021 e 2022, será realizado o projeto *Coleções de projetos: Ensino, aprendizado, prática e difusão* nos acervos de Samuel e Christiano das Neves, Carlos Ekman, Oswaldo Bratke, Roberto Tibau, Roger Zmekhol, Ruben Martins e Cauduro Martino Arquitetos Associados. O projeto *Imaginando a História de São Paulo | Olhando desenhos de arquitetura*, do Prof. Dr. Hugo Segawa, não está diretamente ligado à biblioteca mas explora o Acervo de Projetos. O projeto *IndexAB – Projeto de Recuperação do Índice de Arquitetura Brasileira Fase 2*, da Profa. Dra. Myrna Nascimento, se relaciona com a Seção Técnica de Materiais Bibliográficos. Por fim, o projeto *Memória Narrada – podcast de arquivos de arquitetura, cidade e design – BA/MG/DF/SP/RJ*, dos Profs. Drs. Eduardo Costa e Joana Mello de C. e Silva, desenvolve pesquisas em arquivos de arquitetura em âmbito federal e se relaciona com o grupo de pesquisa *Arquivos, fontes e narrativas: entre cidade, arquitetura e design* (CNPq).

mobiliza pesquisa, ensino e extensão a partir do contato com arquivos de arquitetura, onde a prática de catalogação desse material propõe ao discente uma aproximação dialética entre fontes documentais e questões teóricas da produção da arquitetura (Figura 7).

Figura 7: Coleção de arquitetos – Acervos de arquitetos da FAUUSP.



Fonte: Acervos < <http://acervos.fau.usp.br/s/acervos/page/inicio>>

O acervo da Coleção Rosa Kliass foi doado pela própria arquiteta em 1998, onde constam 173 entradas abrangendo o período de 1955 a 1997. O guia do acervo divide seus projetos por tipologia e década de produção (Tabela 1). São desenhos originais – em papel manteiga, papel vegetal e sulfite – ou cópias heliográficas organizadas em tubos de papelão por projeto. Desse material, 20 projetos estão digitalizados¹⁷ e é a partir deles que tecemos algumas considerações para o desenvolvimento da nossa pesquisa.

Tabela 1: Composição do acervo Rosa Kliass

	1950	1960	1970	1980	1990	Sem data	Total
Paisagismo	Clubes e hotéis	-	1	2	1	-	4
	Parques	-	6	2	1	-	9
	Praças	1	17	1	-	-	21
	Jardins privados (residências)	-	7	11	5	-	24
	Jardins privados (apartamentos)	-	1	62	10	1	74
	Jardins públicos (viário)	-	-	2	-	-	3
	Jardins públicos (institucional)	-	2	7	4	-	13
	Levantamentos	-	2	-	-	-	2
	Usina/indústria	-	-	6	2	-	8
	Planejamento urbanos e regional	Renovação urbana	-	-	1	-	-
Plano territorial		-	-	-	-	-	2
Planejamentos paisagísticos		-	-	3	-	-	4
Planos urbanos		-	-	1	-	-	3
Projetos viários		-	-	1	-	-	1
Não identificados/ outros	-	-	1	1	-	1	3
Total por década	1	41	99	25	1	6	173

Fonte: Coleção Rosa Kliass (LIRA, 2019, p. 15).

Vale ressaltar que a arquiteta paisagista doou somente os desenhos de arquitetura, ou seja, pranchas, planos, cortes. Outras fontes e documentos, comumente nomeada de documentação paralela, ainda se encontra sob sua tutela (Figura 8). Parte dessa documentação foi publicada recentemente em sua biografia *O livro da Rosa: vivência e paisagens* (2019), organizada por Lucia Costa e Maria Cecília

¹⁷ Por conta da pandemia de COVID-19, até agora só conseguimos estruturar a pesquisa a partir do material disponibilizado de maneira online, já que a Seção Técnica de Materiais Iconográficos ficou fechada de 16 de março de 2020 a 18 de outubro de 2021. Com a progressiva reabertura, se encontra em funcionamento parcial, já que seu espaço foi reestruturado por conta da divisão do acervo entre os edifícios Vilanova Artigas e Vila Penteados.

Gorski.

Figura 8: Documentação paralela publicada em *O Livro da Rosa* (2019)



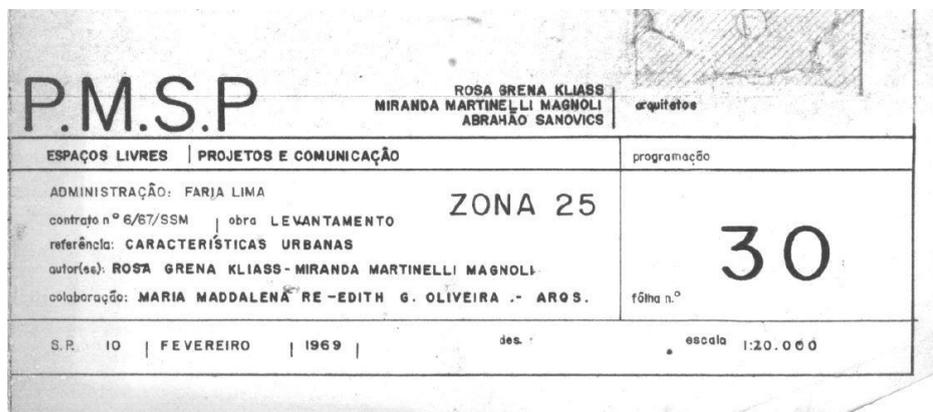
Fonte: KLIASS, Rosa Grená. *O Livro da Rosa vivência e paisagens* (2019), páginas 73, 79 e 92.

Um primeiro gesto de pesquisa neste acervo se deu a partir de uma aproximação dos projetos, mas não tanto de suas análises arquitetônicas, e sim tentando assimilar informações menores que normalmente passariam despercebidas e que tornam-se “entradas de análise muito potentes” para a pesquisa (SILVA, 2016, p. 47). Neste caso nos aproximamos principalmente das informações contidas nos carimbos das plantas, assimilando dados como: local, data, contratante, etapa de projeto (referência), escala do projeto, parcerias, autoria e colaboração, desenhistas, entre outros. Pensando na metodologia adotada para confrontar a documentação da pesquisa, tentamos esboçar uma montagem a partir do cruzamento de dados levantados na Seção de Alunos e dos projetos.

Ao observarmos o carimbo de uma das pranchas do Plano de Áreas Verdes de Recreação de São Paulo (Figura 9) já é possível tecer algumas relações estabelecidas durante esse projeto: os arquitetos eram Rosa Kliass, Miranda Magnoli e Abraão Sanovicz (1934-1999), com a colaboração das arquitetas recém-formadas Edith Gonçalves de Oliveira e Maria Maddalena Ré. Ambas se formaram em 1966, sendo que Maddalena Re trabalhou no escritório de Rosa Kliass desde quando se graduou até 1979, participando de diversos projetos. Já Edith Gonçalves de Oliveira trabalhou apenas no Plano de Áreas Verdes, tornando-se, na sequência, docente da disciplina “Projetos de Edificações” na FAUUSP entre 1972 a 1997. Vale notar que Edith foi a única professora mulher desta disciplina entre 1972 e 1982¹⁸.

¹⁸ Outras arquitetas também lecionaram no Grupo de Disciplinas de Projeto de Edificações: Marlene Picarelli era docente da disciplina “Projeto I”, mas após a reforma de ensino de 1962 passou a integrar a sequência de “Desenho Industrial”; e Miranda Magnoli ministrou a disciplina “Projeto III”, logo passando a coordenar o Grupo de Disciplinas de Paisagismo (SANTOS, 2018).

Figura 9: Carimbo de uma das 23 pranchas digitalizadas do Plano de Áreas Verdes da Prefeitura Municipal de São Paulo.

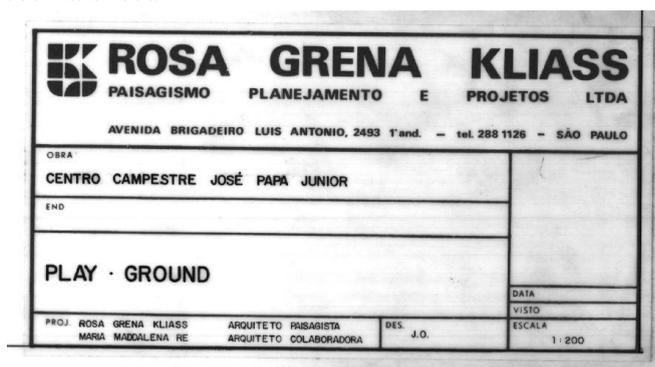


Fonte: Coleção Rosa Kliass, Acervos da FAUUSP.

Seguindo neste movimento de lupa sobre os carimbos, outras parcerias afloraram nesses desenhos: Ângelo Joaquim Neto, Jamil Kfoury, Marcelo Martinez, Maria Cecília Barbieri, todos arquitetos paisagistas colaboradores no escritório *Rosa Grená Kliass Arquitetura Paisagística, Planejamento e Projetos Ltda.* E ainda são muitos outros e outras, que aparecerão no decorrer da pesquisa.

Uma informação que nos chamou atenção foi que, ao contrário dos arquitetos colaboradores, os nomes dos desenhistas sempre aparecem simplificados por siglas como “J.O.” e “P.A.” ou apenas os primeiros nomes, como “Esteban” e “Ayrton” (Figura 10). Aqui vemos uma sobreposição de hierarquias no campo, onde a total impessoalidade impõe o lugar àqueles que exercem funções menos valorizadas¹⁹. Aos poucos, essas siglas se comunicam e se transformam em nomes e atores que também contribuíram para o entendimento das práticas profissionais como as entendemos hoje. Voltamos-nos, então, ao esforço de integrar essas e outras personagens que orbitam as narrativas canônicas, de modo que esses deslocamentos sirvam para que possamos questionar e renovar o fazer histórico. Com esses fragmentos de memória montamos essas imagens, formando campos de forças, constelações e redes para apoiar essa pesquisa ainda incipiente.

Figura 10: Carimbo de desenho do Centro Campestre José Papa Junior, do Sesc. Nota-se a sigla “J.O.” nomeando a desenhista Josefina Okeda.



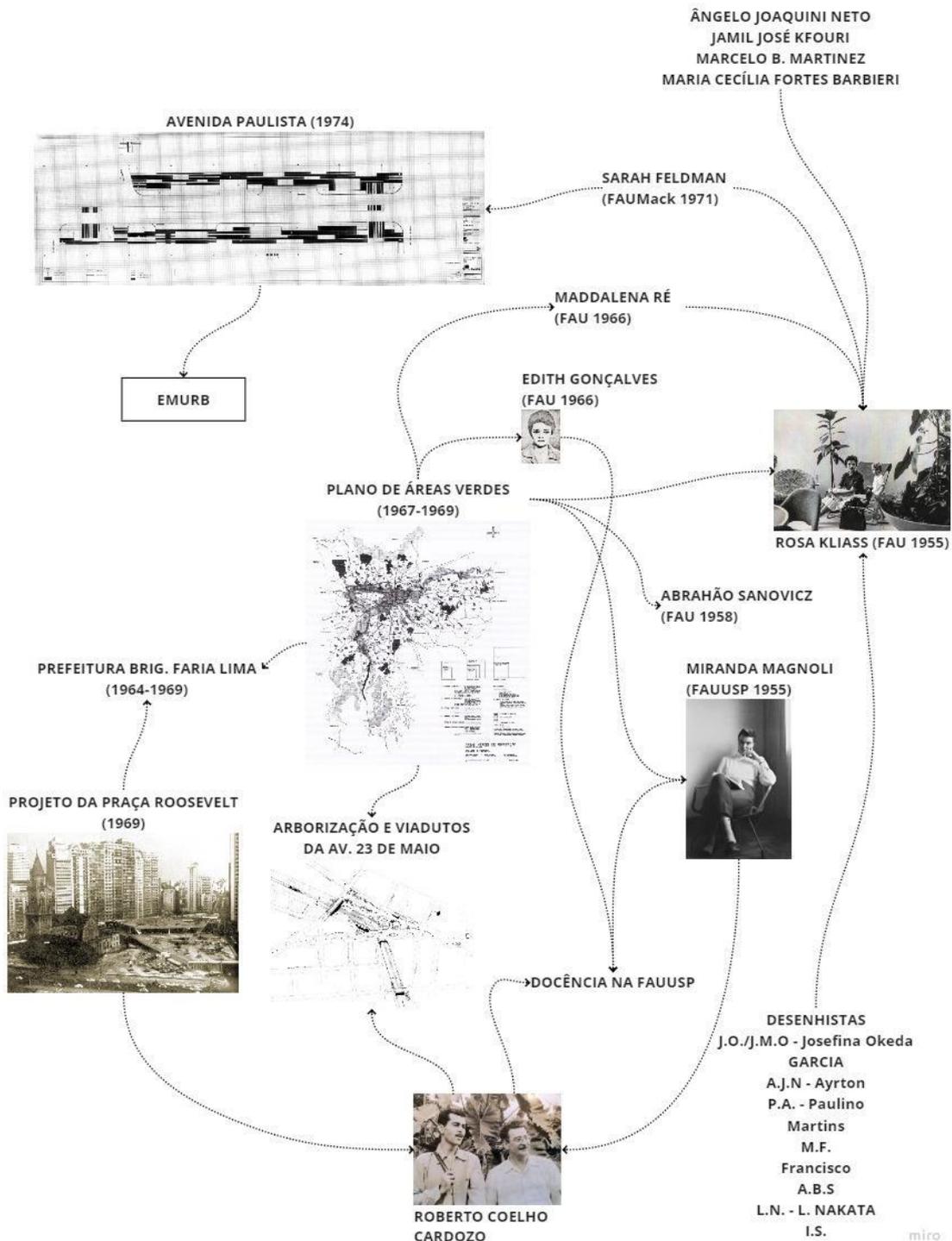
Fonte: Coleção Rosa Kliass, Acervos da FAUUSP.

A partir desse primeiro mergulho nos 20 projetos digitalizados, esboçamos uma imagem que coteja as informações dessa documentação, operando a partir da técnica de montagem. Como um primeiro experimento, partimos do Plano de Áreas Verdes para explodir as relações estabelecidas a partir deste projeto. Nesse sentido, montamos e re-montamos essas trajetórias, que são constantemente

¹⁹ Essa também é uma discussão que está em desenvolvimento na tese de doutoramento. Para uma discussão mais aprofundada sobre parcerias, colaborações e subjugações colocadas na prática profissional da arte e arquitetura ver Rubino (2017) e Chadwick e De Courtivron (1996).

preenchidas por novos indícios, por pequenos vestígios que aos poucos são entrelaçados nesta imagem constelar (Figura 11).

Figura 11: Imagem de experimento de montagem a partir do Plano de Áreas Verdes da PMSP.



Fonte: Autora (15/11/2021)

Lembrando que, para além da Coleção Rosa Kliass, poderemos mobilizar outras coleções para suplementar esta pesquisa. Tanto Rosa Kliass, e mais especificamente Miranda Martinelli Magnoli trabalharam com o arquiteto e professor da FAUUSP, Aberlardo Riedy de Souza. Faremos essa



aproximação aos desenhos de arquitetura tentando desenhar e compreender essas relações que se formaram tanto durante a graduação dessas arquitetas como também em seus percursos profissionais. Esses fios condutores, ainda que em formação, vão expandindo esses cenários profissionais, ajudando a tecer leituras cruzadas que expandem a noção de trajetória individual. O que pretendemos com essas experimentações com essas fontes inéditas e com esses objetos periféricos é ampliar o olhar à história, integrando panoramas maiores, mais robustos, que podem “abrir pistas para novas interpretações” (LIRA et al., 2021, p. 24).

5. Conclusão

Sendo essa uma pesquisa em andamento, olhar para esses dois arquivos nos trouxe mais questões do que conclusões. Ao mesmo tempo, ter contato com a materialidade dos arquivos nos ajudou a precisar a questão principal da pesquisa. Se, em um primeiro momento, o enfoque era nas trajetórias das arquitetas paisagistas formadas em São Paulo a partir dos anos de 1950, com a aproximação aos arquivos nos debruçamos sobre as divisões hierárquicas do campo da arquitetura, com especial atenção ao lugar desvalorizado da arquitetura paisagística e da prática profissional das mulheres. Os escassos acervos de arquitetos paisagistas e de mulheres encorpa nossa hipótese e, simultaneamente, nos faz refletir sobre quais instrumentos teóricos-metodológicos escolher para poder escrever, narrar e propor uma outra história.

No caso do arquivo da Seção de Alunos, o primeiro gesto de pesquisa foi duro e mecânico, e se deu através do levantamento, da documentação fotográfica e de tabulações de dados. Porém, no momento em que o arquivo se desvelou, fazendo submergir as reminiscências, os resquícios e os vestígios, as intenções da pesquisa mudaram e procuraram abarcar outras narrativas para além das trajetórias femininas, incorporando também outras personagens não reconhecidas nas narrativas hegemônicas.

Assim, trabalhar com montagens pareceu ser a abordagem metodológica mais pertinente para apreender essa quantidade de dados que, apesar de volumosa, apresenta diferenças, lacunas e divergências. Aqui, olhamos para essa documentação através de formas caleidoscópicas, onde pequenas imagens divergem e convergem criando novas formas imagéticas, como também novas formas de olhar para essas histórias.

Quando partimos para o Acervo de Projetos da Biblioteca, fizemos uma troca de escalas e passamos a usar o projeto de arquitetura como suporte de análise. Aqui, vale ressaltar que essa documentação não deve se restringir à Coleção Rosa Kliass, já que esses atores em questão estão espalhados por vários dos carimbos de outros acervos.

Ainda não conseguimos vislumbrar um resultado da pesquisa, mas nos apoiamos no pensamento de Carlo Ginzburg (apud OLIVEIRA; *et al*, 1990, p. 261) em que “às vezes a pesquisa pode ser mais fascinante do que o resultado”.

6. Agradecimentos

Agradecimentos aos funcionários da FAUUSP que fizeram o esforço de me receber com muita gentileza mesmo em períodos de restrição por conta da pandemia da covid-19. São eles: Leo Chadad da Assistência Acadêmica; Emerson Lima, Regina Moreira e Fernando Gabriel de Abreu da Seção de Alunos; e Kenia Nogueira do Serviço de Expediente. Em memória de Maria Cristina Nagoya.



7. Referências

- ADAMS, A.; TANCRED, P. **Designing Women: Gender and the Architectural Profession**. Toronto: University of Toronto Press, 2000.
- AZOULAY, Ariella. Archive: Ariella Azoulay. **Political concepts: a critical lexicon**, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.politicalconcepts.org/archive-ariella-azoulay/>.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.
- BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.
- BRITO, Gisele F. De; COSTA, Eduardo A.; VELLOSO, Leandro M. R. Digital Platform for dissemination of the FAUUSP architecture and design collections. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, v. 15, p. e02125, 2021. DOI: 10.36311/1981-1640.2021.v15.e02125. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/12363>.
- CASTRO, Ana Claudia Veiga de.; SILVA, Joana Mello de Carvalho e. DOSSIÊ - Fazer história: o estatuto das fontes e o lugar dos acervos nas pesquisas de história de arquitetura e da cidade no Brasil. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 24, n. 3, p. 11–18, 2016. DOI: 10.1590/1982-02672016v24n03do.
- CHADWICK, Whitney; DE COURTIVRON, Isabelle. **Significant others: creativity & intimate partnership**. 1st. ed. New York: Thames and Hudson, 1996.
- CHEVALIER, Gérard. L'entrée de l'urbanisme à l'Université: la création de l'Institut d'urbanisme (1921-1924). **Genèses**, Paris, v. 39, n. 2, p. 98, 2000. DOI: 10.3917/gen.039.0098. Disponível em: https://www.cairn.info/load_pdf.php?ID_ARTICLE=GEN_039_0098.
- FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Desigualdad cultural y poder simbólico la sociología de Pierre Bourdieu**. Córdoba: Córdoba Instituto Nacional de Antropología e Historia, Escuela Nacional de Antropología e Historia, 1986.
- JACQUES, Paola B. Pensar por montagens. In: JACQUES, Paola B.; PEREIRA, Margareth da S. (org.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: tomo I – modos de pensar. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 206–235.
- KLIASS, Rosa Grena. **O livro da Rosa**. São Paulo: Romano Guerra, 2019. Disponível em: <http://www.romanoguerra.com.br/pd-7124bf-o-livro-da-rosa-vivencia-e-paisagens.html?ct=&p=1&s=1>.
- LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 77–102.
- LIRA, José; DELECAVE, Jonas; PRÓSPERO, Victor; FIAMMENGHI, João B. Acervos de arquitetura como espaço histórico de formação. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 29, p. 1-31, 2021. DOI: 10.1590/1982-02672021v29e53.
- LIRA, José Tavares Correia. **Coleção Rosa Kliass**. São Paulo: Acervo LPG FAUUSP, 2019.
- MAGNOLI, Miranda Martinelli; CHIESA, Paulo. Paisagismo não é jardinagem. In: (ENEPEA Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escola de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, Org.)IX ENEPEA - ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLA DE ARQUITETURA E



URBANISMO DO BRASIL 2008, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: ENEPEA Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escola de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, 2008. Disponível em: <http://www.enepea.ufpr.br/paisagemsite.html>.

MARQUES, Eliana De Azevedo. Serviço de biblioteca e informação da FAUUSP. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, [S. l.], v. 20, n. 20, p. 226–238, 2006. DOI: 10.11606/issn.2317-2762.v0i20p226-238.

MORTIMER, Junia Cambraia. Poéticas de arquivo como práticas urbanas: três gestos de pesquisa no arquivo do Laboratório de Fotodocumentação Sylvio de Vasconcellos. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S. l.], p. 1–29, 2020. DOI: 10.22296/2317-1529.rbeur.202039pt.

OLIVEIRA, Lúcia Maria Lippi; ABREU, Alzira Alves De; GOMES, Ângela de Castro. História e Cultura: uma conversa com Carlo Ginszburg. **Revista Estudos Históricos**, v. 3, n. 6, p. 254–263, 1990. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/309>.

PEIXOTO, Priscilla. Pensar por biografias. In: JACQUES, Paola B.; PEREIRA, Margareth da S. (org.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: tomo I – modos de pensar. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 70–97.

RICOEUR, Paul. Memory, history, oblivion. In: KEARNEY, Richard; TREANOR, Brian (org.). **Carnal Hermeneutics**. [s.l.] : Fordham University Press, 2015. p. 148–158. DOI: 10.1515/9780823265916. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9780823265916/html>.

RUBINO, Silvana Barbosa. **Lugar de mulher**: Arquitetura e design modernos, gênero e domesticidade. 2017. Universidade de São Paulo, 2017.

SANTOS, Daniela Ortiz Dos. Invisible Files in Visible Institutions: Notes on Max Cetto's Papers. **Critique d'art**, [S. l.], n. 54, p. 123–143, 2020. DOI: 10.4000/critiquedart.62131.

SANTOS, Luciene R. Dos. **Os professores de projeto da FAU-USP (1948-2018)**: esboços para a construção de um centro de memória. 2018. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. DOI: 10.11606/D.16.2018.tde-18092018-163855.

SILVA, Joana Mello de Carvalho e. Um acervo, uma coleção e três problemas: a Coleção Jacques Pilon da Biblioteca da FAUUSP. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 24, n. 3, p. 45–70, 2016. DOI: 10.1590/1982-02672016v24n0302.

SODRÉ, João Clark de Abreu. **Arquitetura e viagens de formação pelo Brasil (1938 - 1962)**. 2010. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. DOI: 10.11606/D.16.2010.tde-14062010-153534.

WRIGHT, Gwendolyn. Women in Modernism. In: (MOMA, Org.) **WOMEN IN MODERNISM: MAKING PLACES IN ARCHITECTURE 2007**, New York. **Anais** [...]. New York p. 1–8.



Gabriela Tie Nagoya Tamari

Arquiteta e urbanista formada pela Universidade de São Paulo (2007) e mestra em ciências pela mesma instituição (2017). Atualmente cursa o doutorado em história e fundamentos da arquitetura e do urbanismo também na FAUUSP (2024). Faz parte dos grupos de pesquisa Arquivos, fontes e narrativas: entre cidade, arquitetura e design (CNPq) e Cronologia do Pensamento Urbanístico – núcleo USP (CNPq). Atua profissionalmente como arquitetura da paisagem, urbanismo e desenho de jardins, tendo experiência em projetos de áreas públicas verdes a partir de trabalho na Prefeitura Municipal de São Paulo. É titular no escritório Oficina2mais Arquitetura e Planejamento da Paisagem Ltda.

Como citar: TAMARI, Gabriela Tie Nagoya. Explorando os arquivos da FAUUSP: novas e velhas fontes de pesquisa do arquivo de documentos pessoais da Seção de alunos e no Acervo de Projetos da Biblioteca. Revista Paranoá. n.32, Jul/Dez 2022. DOI 10.18830/issn.1679-0944.n32.2022.24

Editores responsáveis: Maria Cristina da Silva Leme, Daniela Ortiz e Liz Sandoval.